

CORREIO DO POVO

ANO 126 | Nº 207
PORTO ALEGRE, DOMINGO, 25/4/2021
RS, SC, PR - R\$ 4,00 | POA - R\$ 3,50

+ DOMINGO

Pioneirismo na luta ambiental

Envolvida em importantes causas ecológicas no Rio Grande do Sul, como a preservação do Guaíba (foto), a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) completa meio século



PAUL ELLIS / AFP / CP



SUPERLIGA FRACASSA

Projeto de torneio reunindo os clubes mais poderosos da Europa é cancelado poucos dias após anúncio

PÁGINA 12

OSCAR DIFERENTE

A noite da maior premiação da indústria do cinema se adapta às restrições da pandemia

PÁGINA 13

CIRURGIA PULMONAR

Médico gaúcho que atua no Canadá fala sobre os avanços na área de transplante e cirurgia de pulmão

PÁGINA 3

Meio século de defesa ambiental

SIMONE SCHMIDT

A Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) completa 50 anos com um histórico de pioneirismo e engajamento em questões ambientais importantes do Rio Grande do Sul

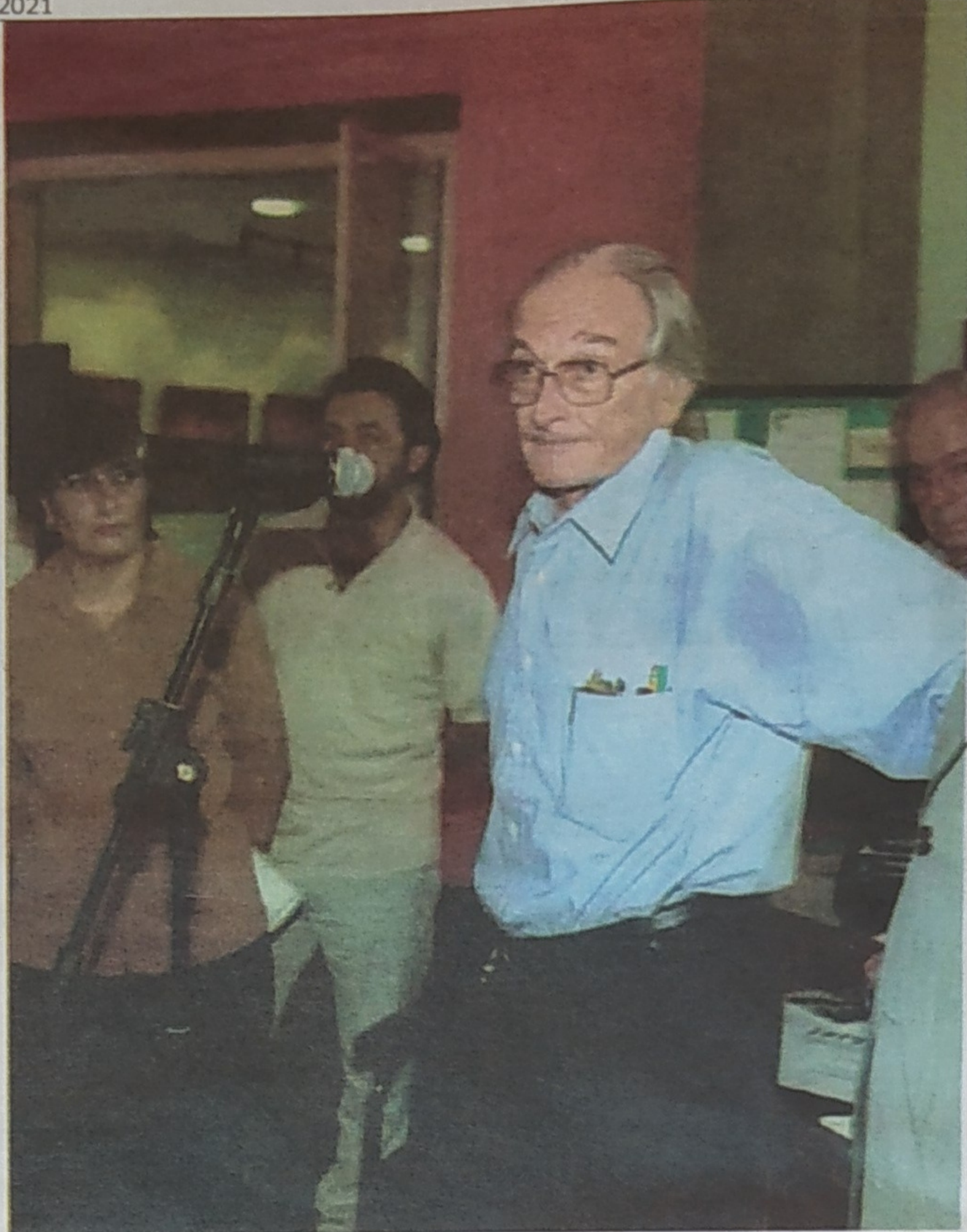
O ativismo ambiental já pode ser visto como uma tradição gaúcha. Foi no Rio Grande do Sul que surgiu há 50 anos uma entidade em defesa da natureza, antes mesmo da realização da primeira cúpula mundial que alertou o planeta sobre as agressões promovidas pelo homem e sua exploração descontrolada de recursos. A Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) foi fundada oficialmente em 27 de abril de 1971. É anterior, portanto, ao primeiro grande encontro de iniciativa das Nações Unidas que oficializou o Manifesto Ambiental e que reuniu em 1972, em Estocolmo, na Suécia, representantes de mais de 100 países, incluindo o Brasil.

Ao longo da história da Agapan, passaram pela entidade, conforme registra seu site, nomes como Augusto Carneiro, morto em 2014 aos 91 anos; Flávio Lewgoy, falecido em 2015 aos 89 e por duas vezes presidente; Ludwig Buckup, que morreu este ano, vítima de Covid-19, aos 88 anos; Hilda Zimmermann, falecida em 2012; entre outros. Hoje, em Porto Alegre, uma organização sem fins lucrativos localizada no bairro Menino Deus leva o nome de Carneiro. José Lutzenberger ocupou a primeira presidência da Agapan. Morreu em 2002, aos 75 anos.

Embora o interesse pela defesa do planeta já mostrasse um pioneirismo em Porto Alegre, o atual presidente da entidade, Francisco Milanez, lembra que seguidamente era preciso explicar às pessoas o que era ecologia, uma palavra ainda pouco usada na época. "Poucos conheciam essa expressão", recorda. Dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), entretanto, professores e alunos já colaboravam com temas como evitar a poluição e preservar a vegetação e as águas. Sobre "ecologia", a expressão "eco" vem do grego "oikos", que significa casa, enquanto "logia", ou "logos", se refere a estudo. Em conclusão simplifica-

da, o objetivo da ecologia seria estudar a nossa casa, no caso, o planeta, e assim cuidar de todas as formas de vida. Sobre isso a Hipótese Gaia é enfática. A Terra é um grande organismo vivo, são incluídos nesse sistema não só animais e vegetais, mas também minerais. Por essa teoria, águas e pedras podem ser comparadas ao sistema circulatório do planeta. Por seus veios passam águas doces, finitas e que precisam ser protegidas. A própria teoria Gaia é posterior à Agapan, porque o cientista que a desenvolveu só apresentou a conclusão dos seus estudos em 1979, embora tenha dado início ao trabalho na década de 60. A pesquisa foi feita pelo britânico James Lovelock a pedido da agência espacial dos Estados Unidos, a Nasa, e o objetivo, de início, era estudar formas de vida ou, mais do que isso, vida em outros planetas.

O interesse relacionado com o meio ambiente, a natureza e as espécies em geral também contribuíram na trajetória de Milanez. O presidente da Agapan recorda que ainda adolescente foi levado aos primeiros encontros da associação com nomes ilustres como o de Lutzenberger. Foi por meio de um estudante de medicina, amigo de uma de suas irmãs, que Milanez conheceu a associação que nascia. Foi convidado para uma reunião porque seu interesse pela leitura de livros sobre ciências já chamava a atenção de amigos mais velhos. Aos 14 anos, ainda no ensino Fundamental, na época Ginásio, ele passou a frequentar os encontros, em agosto de 1971, quatro meses depois da criação da entidade. Mesmo muito menino, o interesse de Milanez pelos animais já chamava a atenção. Os pátios das casas onde morou na infância nos bairros Petrópolis e Moinhos de Vento eram não só povoados de cachorros, mas de ovelhas e galinhas, além de coleções de lagartixas, cobras e aranhas. O viveiro de pássaros de um vizinho também era atração. "Tudo isso me levou a ler muito sobre



José Lutzenberger na abertura da exposição referente aos 30 anos da Agapan

ciências desde criança”, assinala o biólogo e arquiteto que defendeu sua tese de doutorado em Química da Saúde na Ufrgs no último dia 16.

Como Milanez, muita gente jovem abriu caminho na década de 70 para que a ação de defender o meio ambiente se tornasse algo prático na vida das pessoas. Ele seguiu trabalhando pela associação na época da universidade e depois de formado, somando seis gestões entre 1993 e 2000, em 2011 e de 2019 para cá. Consultorias sobre poluição prestadas a indústrias de celulose no exterior, sobre podas de árvores e levantamentos geológicos em Porto Alegre são alguns dos serviços que a entidade já fez de forma voluntária e gratuita. Outra marca citada por Milanez está ligada à agricultura. “A Agapan é o berço da agroecologia no Brasil”, observa, afirmando ainda que a entidade é pioneira no país e na América Latina como associação de proteção do ambiente.

A professora da Ufrgs e jornalista Ilza Maria Tourinho Girardi tem décadas de dedicação ao ensino do jornalismo ambiental e desenvolve projetos na área da “educomunicação” ambiental, uma junção de educação com comunicação. Ela conviveu mais de perto com a militância da Agapan na década de 80 e corrobora a observação de Milanez. “A entidade é a mais antiga em atividade no país e sempre trabalhou ativamente na luta contra os agrotóxicos, este é um marco em sua história. O papel da Agapan para a formação da consciência ecológica no Rio Grande do Sul é importantíssimo”, assinala.

APOIO JURÍDICO E TÉCNICO

Do ponto de vista jurídico e de contribuição para políticas públicas relativas à

preservação, a Agapan também é referência, informa Beto Moesch, advogado e secretário de Meio Ambiente de Porto Alegre entre 2005 e 2008, na gestão José Fogaça. Foi pela contribuição e impulso de entidades como a Agapan que hoje há legislação específica para o tema, algo que não existia na década de 1970. “Era uma visão econômica, não havia um viés ecossistêmico, holístico, um sistema integrado ou interligado”, recorda Moesch, observando que, hoje, o Direito Ambiental, área na qual é professor e consultor, contribui para a preservação de modo mais abrangente. Ele relaciona, por exemplo, a proteção do solo e dos recursos hídricos com a necessidade de consciência do homem quanto a não destruir e não poluir.

A conscientização também ganhou corpo, destaca Moesch, a partir do momento em que a humanidade percebeu que seria preciso preservar para ter crescimento econômico. Cinquenta anos atrás, explica, o Código Penal já identificava situações como, por exemplo, contaminação de rios por produtos químicos, “mas não havia um conjunto, eram leis distantes.” Como vereador, Moesch informa ter instituído leis de proteção para mais de 70 logradouros com túneis verdes. “Com apoio e empenho da Agapan”, reitera. A rua Gonçalo de Carvalho é um dos pontos mais famosos.

O primeiro sinal de organização dos assuntos ambientais no cenário jurídico, lembra Moesch, veio com a Lei 6.938 de 31 de agosto de 1981, quando foi criada a Política Nacional de Meio Ambiente. E sobre isso ele também é enfático. “Fruto da pressão da sociedade no Rio Grande do Sul”, afirma, lembrando ainda que esse movimento se deu no período do regime militar. Na esteira dessa recordação, Moesch



Lutzenberger participava de encontro com crianças para conversar sobre questões ambientais

também esclarece que Porto Alegre foi a primeira cidade a adotar uma pasta de primeiro escalão para o meio ambiente, em 1976. Mesmo em nível estadual ou federal, compara, o tema era delegado a diretorias e departamentos ou a secretarias dentro de ministérios. "Isso é resultado de uma sensibilização que a Agapan mostrou", salienta.

E essas transformações só foram possíveis, acredita, porque a entidade, embora ativa na luta por direitos, não trabalhava apenas fazendo protestos. "É pragmática", avalia, explicando que o trabalho voluntário de consultoria feito pelos membros traz argumentos técnicos e políticos, "mas não partidários". Na hora de ir em busca de aprovação de novos projetos que protegessem natureza e comunidades, "iam a cada vereador, a cada deputado, sem importar a sigla", registra. Também a Lei Federal 7.802 de 1989, que hoje regula os agrotóxicos, embora tenha tido parte de seu conteúdo revogado, se originou da legislação estadual do Rio Grande do Sul, outro trabalho que teve a contribuição da Agapan, segundo Moesch. O Rio Grande do Sul, analisa, sempre esteve mais à frente nas questões ambientais e as entidades pioneiras do ramo seriam reflexos de comportamentos como os vistos na Capital, que contribuíram para cenários emoldurados por tipuanas, jacarandás e túneis verdes. "Temos a experiência de Porto Alegre, onde as pessoas já plantavam árvores na rua por conta própria", conclui.

PROTESTOS HISTÓRICOS

A Agapan tem inúmeros episódios de luta em defesa do meio ambiente em sua trajetória, mas determinados capítulos deixaram lembranças mais profundas. Uma das iniciativas da entidade teve especial empenho também do *Correio do Povo*. Entre 1972 e 1974, a Borregaard, fábrica de celulose que funcionava na cidade de Guaíba, na Região Metropolitana, arrancou críticas de moradores até mesmo de Porto Ale-

gre por causa da fumaça, vista no céu a quilômetros de distância, e do mau cheiro que exalava das chaminés. Relatos mais exaltados vinham da zona sul da Capital, localizada na outra margem do Guaíba, mas até mesmo moradores de bairros da zona Norte percebiam o mesmo cheiro forte, dependendo da direção do vento. A imprensa na época noticiava as críticas da comunidade, preocupada com a poluição do ar e das águas, enquanto ambientalistas reforçavam a necessidade de providências.

Puxando essas manifestações estava a Agapan. "O *Correio do Povo* foi muito importante neste episódio", atesta Francisco Milanez, presidente da entidade. A direção do jornal se empenhou em reproduzir o descontentamento da comunidade. "A Borregaard não tratou os efluentes enquanto não foi fechada, mas a pressão foi grande e o *Correio do Povo* foi muito importante porque o governador ficou numa situação difícil, deu prazo para eles regularizarem a situação e eles não regularizaram."

Qualidade da água era uma das preocupações da Agapan. Membros foram em busca de providências contra a poluição que a fabricante de celulose provocava no Guaíba. Lutzenberger, agrônomo, e Flavio Lewgoy, químico, alertavam quanto aos prejuízos também sobre fauna e flora, além do incômodo com os gases no ar. A pressão dos ativistas, da sociedade e da imprensa resultou em Comissão Parlamentar de Inquérito na Assembleia Legislativa e depois em interdição da fábrica feita pela Secretaria Estadual da Saúde, no final de 1973, determinada pelo governador Euclides Triches. A reabertura ocorreu em março de 1974 com o compromisso de solucionar as dificuldades, mas, não muito tempo depois, ainda em meados da década de 70, a empresa viria a desistir do negócio em função das exigências. O empreendimento foi então nacionalizado e passou a se chamar Riocell, que investiu no controle ambiental e contratou Lutzenberger como consultor para fazer as mudanças necessárias.

Outro episódio emblemático ao qual a Agapan se dedicou se deu em 25 de feve-

reiro de 1975, durante a obra do viaduto Imperatriz Leopoldina. O trabalho exigia a retirada de árvores, acontecimento que marcou aquele ano e que o *Correio do Povo* acompanhou. Uma tipuana em especial, em frente à faculdade de Direito, na avenida João Pessoa, tornou-se manchete quando um aluno da Ufrgs lá subiu para impedir que fosse derrubada. A preocupação com o destino dessas árvores já era externada em reuniões da Agapan meses antes. Quem relembra essa história é o próprio ex-estudante que tomou a iniciativa de subir na tipuana para protegê-la.

Carlos Dayrell tinha 21 anos. O mineiro nascido em Sete Lagoas, que veio para Porto Alegre estudar, mora hoje em seu estado natal, na cidade de Montes Claros. Está aposentado, mas segue tocando projetos de agroecologia com agricultores de sua região. Trocou a vida na área urbana por uma chácara próxima da cidade, cerca de 20 quilômetros, onde mantém pomar e horta. Entre outros itens, cultiva banana, mandioca e feijão, usados para consumo da família ou para distribuir entre parentes e amigos.

O desejo de viver perto da natureza era antigo e a pandemia acelerou o processo, já que os cinco filhos estão criados, alguns morando em outras cidades, e a esposa, que é professora, tem mantido sua rotina de aulas no modo virtual. O curso de Engenharia Elétrica que Dayrell fazia na Ufrgs ficou no passado. Ainda no meio da graduação fez novo vestibular e mudou para Agronomia, já influenciado pelas belezas da terra e pelas reuniões da Agapan, as quais participava. Mais do que isso, fez mestrado em agroecologia na Espanha e doutorado na Universidade de Viçosa, onde estudou as comunidades "geraizeiras", grupos que vivem no Norte de Minas Gerais, ou "nas Gerais". Dayrell lembra bem daquele 25 de fevereiro em Porto Alegre. Já havia sido aprovado para Agronomia e saiu para fazer a matrícula na Ufrgs acompanhado de colegas. Seguiu pela João Pessoa e observava as equipes da Secretaria de Obras, algumas árvores já cortadas.

Foto da Borregaard presente no arquivo do *Correio do Povo*. O jornal, junto com a Agapan, acompanhou o caso da empresa, que acabou sendo fechada por denúncia de poluição





LUCIANO DAYRELL / DIVULGAÇÃO / CP



A um dos funcionários, recorda, perguntou calmamente: "você vai cortar essa árvore?". Ao receber o sim como resposta, seguiu em silêncio alguns minutos e pediu ao trabalhador: "Me empresta essa escada?". Dayrell acredita que o funcionário não se deu conta naquele momento do motivo do pedido e gentilmente emprestou. Ao se ver com a escada na mão, Dayrell simplesmente subiu na tipuana. Era um final de manhã, 11h. Atrás dele subiram mais dois colegas e a manifestação atravessou a tarde. Começou a juntar gente, multidão, cartazes. Em meio ao grupo que ali se aglomerava estavam membros da Agapan como José Lutzenberger e Augusto Carneiro. "Eu era um menino, a situação começou a ficar cada vez mais tensa e eu estava bastante assustado, mas quando olhei aquela multidão, na hora que enxerguei o Augusto fiquei muito mais tranquilo." Carneiro na época era secretário na associação e se dirigiu para o local junto com Lutzenberger.

Depois de horas em cima da árvore, com pessoas alcançando água e alimentação naquele fevereiro escaldante, Dayrell recorda que um professor, na época diretor do curso de Direito, auxiliou nas negociações. Convencido de que a árvore não seria derrubada, o grupo desceu, mas recebeu um alerta de jornalistas que faziam a cobertura. O grupo precisaria também garantir sua segurança, porque outros protestos que vieram a seguir fizeram com que a Polícia entrasse em ação, resultando em confrontos. A partir do momento em que se abriu o diálogo com a Secretaria de Obras, tudo parecia bem com a negociação, mas, enquanto Dayrell já conversava com representantes da pasta junto com membros da Agapan, os dois colegas da Ufrgs que também tinham subido na tipuana foram presos e levados ao Dops, órgão de repressão do regime militar. Junto com eles foram detidos dois jornalistas que tentaram defender os estudantes. O corre-corre para resolver a questão seguiu pela noite e a liberação se deu com a ajuda do advogado Caio Lustosa. Dayrell ainda precisou prestar esclarecimentos dias mais tarde no 4º Regimento de Polícia Montada da Brigada Militar. Cerca de três meses depois daquela tarde em cima da árvore que foi mantida de pé, relata Dayrell, sua mãe passou a articular a transferência dele de volta para Minas Gerais e conseguiu vaga na Universidade de Viçosa. "Mas até hoje tenho uma relação muito boa com a Agapan. Trocamos figurinhas sobre as questões ambientais. A gente está sempre acompanhando a luta."

Em 1975, com 21 anos, Carlos Dayrell subiu em uma árvore em Porto Alegre para impedir que fosse derrubada. O fato foi acompanhado com ampla cobertura pelos jornais da Caldas Júnior. Hoje, foto acima, Dayrell vive em Minas Gerais, mas ainda mantém contato com a Agapan

Ganhou força o anterior manifesto da AGAPAN
PREFEITURA AINDA NÃO SABE COMO PRESERVAR A ÁRVORE

SANTIAAGO

"As árvores caíam mas ninguém fazia nada." (Então, ele protestou)

Em Brasília, o Secretário do Meio Ambiente diz que apóia o protesto dos estudantes

FOLHA MANHA

Estudante venceu: Jacarandá não será derrubado

Depois do diálogo, tumulto e violência

Carlos Alberto, depois de um dia em cima da árvore, volta à sua vida normal

UM GRUPO PARA MUDAR PENSAMENTOS

As lutas da Agapan são incontáveis. Testemunha de muitos destes acontecimentos, o advogado Caio Lustosa, 87 anos, ressalta como uma das mais importantes conquistas a participação na busca por proteção para o Parque Itapuã, em Viamão, área hoje protegida e com restrição no número de visitantes às praias de água doce.



Augusto Carneiro é apontado por muitos como tendo sido o grande realizador da Agapan

Como integrante da entidade, ele também foi responsável por ações judiciais contra empresas que poluíam e por defender membros, como no episódio das detenções no dia do corte de árvores em frente à Ufrgs em fevereiro de 1975. "Não sou fundador da Agapan, mas me filiei logo, quando acionei diretores da Borregaard lá em 1971", relembra. "Minha visão é que a Agapan até hoje tem papel fundamental na luta ambiental", acrescenta.

Figuras ilustres fizeram a história da Agapan. Augusto Carneiro era considerado um querido amigo de Carlos Dayrell. Morto em 2014 aos 91 anos, Carneiro, deixou um legado, tanto que foi criado em Porto Alegre o Instituto Augusto Carneiro, com sede no Menino Deus. Conforme detalha o site, "busca conciliar demandas de empresas, de governos e de comunidades por meio de projetos e programas de conservação". Entre as áreas de atuação estão energia, oceanos e mata atlântica. "Como parceiro do Carneiro por mais de três décadas no ativismo ambiental, posso afirmar que o papel dele na criação e estruturação da Agapan foi fundamental", ressalta o vice-presidente do Instituto, José Truda Palazzo. "Carneiro era um trefista para a entidade, enquanto Lutzenberger arrebatava multidões com suas palestras bombásticas e inovadoras", assinala. "Ele rodava o Estado inteiro fazendo contatos com os associados, angariando participantes nas mais diversas campanhas e manifestações. Sem ele, a Agapan não teria existido tanto tempo como associação civil e nem gerado tantos ramos em décadas mais recentes, dentre estes o instituto que leva seu nome", conclui, lembrando que a ideia de nomear a instituição foi da atual presidente, Kathia Vasconcellos. "Juntamos vários ativistas das antigas, admiradores do Carneiro, e o avisamos da assembleia de fundação. Ele ficou muito feliz e compareceu com sua querida esposa Rosalina", detalha.

Como bem destacou Palazzo, Lutzenberger, primeiro presidente da Agapan, arrebatava multidões com suas palestras. Agrônomo formado pela Universidade Federal do RS (Ufrgs) em 1950 e pós-graduado um ano depois em Ciên-

cia do Solo na Louisiana State University (LSU), trabalhou até 1957 em empresas de adubos químicos aqui no Estado e seguiu depois para a Alemanha para trabalhar na Basf, gigante da química agrícola. Esteve lotado na Alemanha, Venezuela e Marrocos, atuou como executivo e assessor técnico em países na América do Sul, norte da África, Espanha e Canárias. Em dezembro de 1970 deixou para trás esse currículo, pediu demissão e passou a lutar pela defesa do meio ambiente. Tornou-se consultor em assuntos ligados ao tema atendendo a demandas de todas as partes do mundo, o que também resultou em inúmeros prêmios internacionais, conforme relata o site da Fundação Gaia, instituição da qual foi fundador.

"Quando o pai voltou ao Brasil, após 12 ou 13 anos no exterior, veio movido pelo desgosto e pela angústia da percepção de quanto os métodos agrícolas se tornavam orientados por interesses comerciais corporativos, menos vinculados às necessidades reais de produção e condições de solo, e mais destrutivos sob a ótica ambiental e social", conta a caçula do ambientalista e presidente da Fundação Gaia, Lara Lutzenberger. "Nessa mesma época ele se sentiu acolhido e impulsionado por um grupo que incluía o Augusto Carneiro", assinala. "Carneiro foi seu fiel e incansável braço direito até o fim." Com a criação da Agapan, os ensinamentos sobre ecologia passaram a se multiplicar. "Eles constituíram a Agapan e meu pai passou a preferir palestras extremamente esclarecedoras sobre o valor fundamental da natureza e dos processos ecológicos", explica. "Pessoalmente, não tenho lembrança dessas palestras na sede da Agapan porque elas se deram durante minha primeira década de vida, mas recordo vivamente do quanto nossa casa era movimentada por conta das frequentes reuniões estratégicas do grupo fundador e de outros tantos que foram se agregando", recorda.

A palavra "agregar" mostra um pouco do que a Agapan foi capaz nas tarefas de disseminar conhecimento e reunir gente que trabalhou movida por amor à natureza. "São memórias muito emotivas e muito queridas. Carneiro foi meu 'pai adotivo' no movimento desde o primeiro dia que compareci a uma reunião da Agapan em maio de 1978. Nunca mais nos separamos até a morte dele", conclui Palazzo.

A AGAPAN NÃO EXISTIRIA SE NÃO FOSSE CARNEIRO

Por **Silvia Marcuzzo**, jornalista e consultora em comunicação socioambiental (silviarmacuzzo@gmail.com)

Neste meio século, a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), obteve muitas conquistas e visibilidade, especialmente nas suas primeiras décadas. Isso se deu por dois fatores: a atuação de bastidores do Augusto Carneiro e ao espaço nos veículos da Caldas Júnior.

Nessa trajetória, o **Correio do Povo** teve um papel decisivo. Os rumos da minha própria história foram influenciados pela convivência com Carneiro e outros ambientalistas. Em 1993, então repórter do jornal, fui apresentada a Carneiro pelo editor Luiz Armin Schuch. Ele tinha trânsito livre na redação, sempre distribuindo textos em papel. Pra quem não sabe, muitas árvores existem em Porto Alegre graças a ele. Aliás, não só isso, mas parques, praças e outras coisas.

O Carneiro me conduzia pelas ruas mostrando como nasciam as figueiras, quando uma poda foi mal feita, o porquê dos troncos não serem caídos. A Agapan foi um centro de formação de gente consciente de que o desenvolvimento precisa respeitar as teias de vida.

Sua atuação foi responsável pela sustentabilidade a longo prazo da organização. Muitas vezes, ele tirou dinheiro do próprio bolso para manter a organização funcionando. Foi ele quem convidou José Lutzenberger para fundar, junto com Hilda Zimmermann, professores da Ufrgs e técnicos da extinta Fundação Zoobotânica, entre outros, a associação. A relação do Carneiro com a Caldas Júnior vem desde os tempos em que o Correio trazia artigos de Henrique Roessler, da União Protetora do Ambiente Natural (Upan), a primeira organização ambientalista do Brasil, fundada na década de 50.

Carneiro municiava o irmão, Flavio, que trabalhava no setor de promoções e eventos da Caldas Júnior, com assuntos e fatos que o jornal deveria cobrir. Participava de reuniões de pauta da Folha da Tarde todos os dias, salientando que naquele tempo a cidade sofria com o forte cheiro da Borregaard, em Gualba.

E foi numa dessas pautas que Schuch, então repórter do vespertino, escreveu a primeira matéria do que significaria a volta do filho do arquiteto famoso à Capital gaúcha. "Fiz uma entrevista de duas páginas com o Lutzenberger, logo que voltou da África", disse o aposentado, depois de mais de quatro décadas dedicadas às páginas dos jornais da Caldas Júnior.

"Recebi até um título de primeiro jornalista da Agapan, com direito a diploma e tudo, mas nunca fui buscar", acrescenta Schuch, que também ficou amigo e comprador de livros do Carneiro. Esse era outro grande diferencial do ambientalista: ele era uma fonte de referências - livros, textos e fontes - para a compreensão dos mecanismos de funcionamento da natureza. Como livreiro, foi um dos fundadores da Feira do Livro de Porto Alegre e até pouco antes de partir, em 2014, seguia com sua banca na feira de agricultura orgânica na José Bonifácio.

Carneiro também usou muito a seção de cartas do Correio do Povo. Muita gente ficou sabendo das reuniões da Agapan através desse espaço, que exibia o número da Caixa Postal da associação. Hoje, Flavio, com 85 anos, reconhece: deveria ter ajudado muito mais o irmão. "Uma vez o Lutzenberger me disse: 'Se não fosse o Carneiro, a Agapan não existiria'". "E essa árvore aqui (apontando para um flamboy em frente ao prédio onde mora) só está aí porque o Carneiro convenceu a proprietária do terreno a não derrubá-la".